

SÉRIE V . VOLUME 3

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA, 2013

**CONTRALUZ. DA OURIVESARIA ARCAICA, SUAS PROBLEMÁTICAS E
PERSPETIVAS DE ESTUDO NA LEITURA DE VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA.**

Comentário de Raquel Vilaça*

O estudo e compreensão do ouro arcaico constitui um dos maiores desafios que se coloca aos investigadores, seja pela exigência a nível de uma sólida e especializada base de conhecimentos, seja pelos condicionalismos inerentes às condições de resgate da esmagadora maioria das peças, quase sempre parcas de informações, mas ricas e vulneráveis a efabulações.

Por isso, o desenvolvido e competente texto que Virgílio Hipólito Correia

* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, *e-mail*: rvilaca@fl.uc.pt

escreveu e o brevíssimo comentário que lhe dedico, não sendo eu especialista sobre a matéria, só podem situar-se nos antípodas. O primeiro corresponderá, no futuro, a marco de referência para quaisquer estudos sobre o tema. O segundo deve ser encarado como mero apontamento onde poderão ser colhidos, se assim for entendido pelo autor, alguns tópicos (que não são explorados ou discutidos) para futuro projeto que possa vir a desenvolver e que o próprio título do artigo, de certa forma, não descarta. Com efeito, a trilogia subjacente ao subtítulo (estado da questão, problemáticas arqueológicas e perspectivas de desenvolvimento do campo de estudo) indica que há caminho traçado e a seguir — metaforicamente evocado nos versos de Cesariny que o autor escolheu para o final do texto —, cujo rumo me parece, também, genericamente adequado.

A opção por uma abordagem da ourivesaria na longa diacronia, desde os seus primórdios ao período romano, i.e., III milénio a.C. ao século VI d.C., é a primeira e fundamental nota positiva que sublinho, pois as especificidades inerentes a determinadas épocas, espaços, conjuntos, ou contextos e que, por isso mesmo, não podem dispensar estudos particularizados, têm igualmente de ser vistas nesse olhar abrangente de continuidade, tão importante, aliás, no campo das técnicas, tecnologias, transformações formais, funcionalidades, etc.

Como o autor refere, e reconhece, esta perspectiva é a mesma que encontramos no oportuno livro recentemente editado pelos CTT e de que VHC também é coautor (V. H. Correia, R. Parreira e A. C. F. Silva, 2013), onde não foi possível, nem seria entendível se o tivesse sido, aprofundar as questões agora discutidas. Naturalmente que esta perspectiva beneficiou da formação de amplo espectro que o percurso profissional e científico do autor testemunha, correspondendo igualmente a um dos objetivos elencados, e concretizado, no presente estudo.

Chama-se também a atenção para a importância do desenvolvimento da investigação no âmbito dos contributos que a Química e a Física podem prestar, concretamente na ajuda a perguntas formuladas pelos arqueólogos e cujas respostas passam por essas áreas científicas. É indiscutível a imprescindibilidade desta linha de pesquisa que faz ponte com as ciências dos materiais, aliás bem vincada na última parte do trabalho como uma das pistas a desenvolver no futuro e que tão bons resultados tem prestado nas últimas décadas, embora, entre nós, sobretudo aplicada a artefactos de cobre e de ligas de cobre. Quanto aos de ouro, muito há ainda por fazer e até, talvez, a dupla condição do nosso colega, simultaneamente investigador e diretor de um museu, possa ajudar a sensibilizar, no geral, os seus pares para uma maior abertura nesse campo.

Mas a interdisciplinaridade proporcionada por esse diálogo é, porém, manifestamente insuficiente, tornando-se fundamental convocar outros olhares, outras fontes, outras metodologias, conforme tem vindo a sublinhar em múltiplos trabalhos Barbara Armbruster (por ex.: B. Armbruster, 2011), uma grande

investigadora do ouro arcaico. Não posso, assim, deixar de subscrever e de trazer a esta circunstância a sua perspetiva metodológica inovadora, onde se cruzam múltiplos focos de conhecimento pluridisciplinares e interdisciplinares, práticos, teóricos e analíticos, desde os especificamente arqueológicos aos arqueométricos (análises de composição elementar, microscópio eletrónico de varrimento, radiografias, metalografias, etc.)¹, incluindo a análise da microtopografia da superfície das peças, à tecnologia, arqueologia experimental, etnoarqueologia, iconografia, analogia, bem assim como às fontes escritas e, evidentemente, convocando também modelos sociais interpretativos, nomeadamente da antropologia social, que uma outra grande investigadora destas matérias, Alicia Perea (por ex.: A. Perea, 2005), tem igualmente explorado.

A cativante e fundamental investigação da ourivesaria arcaica, quer do sujeito (peça ou conjunto de peças nas suas múltiplas dimensões), quer da sua circunstância no respetivo contexto social, quer ainda da sua própria historicidade, não pode ignorar um outro problema, particularmente sensível neste tipo de achados, e que o ponto 2 do texto em análise não deixa de refletir.

De facto, e de um certo ponto de vista, a questão da ourivesaria (formas, tecnologias, funcionalidade, usos, estilos, simbolismos e cronologias) começa a montante e vai para jusante dela mesma ou, dito por outras palavras onde posso encontrar algum sentido próximo, «o problema dos achados de ourivesaria é diretamente condicionado pelo perene valor do metal» (p. 19). Esta aparentemente simples mas lúcida constatação de VHC adverte-nos para a impossibilidade de controlo rigoroso do nosso próprio objeto de estudo, o qual, ao longo dos últimos 5000 anos, desde que o trabalho do ouro se desenvolveu no Ocidente peninsular, passou pelas mais diversas vicissitudes — de destruição, mutilação (neste caso flagrante nos braceletes de tipo Villena-Estremoz, quase todos cortados como bem notou A. Perea), transformação, transladação, descaminho, roubo, etc. — desde as mãos dos nossos antepassados às dos negociantes, alguns sem escrúpulos, hodiernos. Numa breve e não exaustiva pesquisa bibliográfica e recorrendo, inclusive, à literatura, como nos conta Aquilino Ribeiro (Aldeia) sobre o argolão aparecido em Tendais e fundido no Porto², foi fácil elencar quase quarenta situações de peças destruídas/desaparecidas/roubadas.

Por isso, dificilmente podemos avaliar o significado da raridade/quantidade de peças, a não ser por «amostragem», como se refere. Não obstante, VHC não se demite de tecer um conjunto de interessantes considerações, desde a obten-

¹ Destaque-se o livro de A. Perea; O. García Vuelta; Fernández Freire (2010) - *El Proyecto AUI. Estudio arqueométrico de la producción de oro en la Península Ibérica*, Madrid: CSIC. (Bibliotheca Praehistorica Hispana; XXVII).

² Veja-se R. Vilaça (2011) - *Para além do brilho do metal (produções e contextos)*. *Contributos ao projecto AuCorre*. Comunicação apresentada nas Jornadas Conservação e técnicas de análise para o estudo e salvaguarda do património metálico, Museu Nacional de Arqueologia.

ção da matéria-prima, passando pelo que designa como «cadeia trófica do ouro», à biografia (peças ora depositadas enquanto novas, ora usadas e desgastadas) e sobrevivência dos objetos.

A par deste insolúvel problema coloca-se (e é colocado) um outro, i.e, o da análise dos contextos. É bem verdade que os achados ocasionais, onde quase sempre se inscrevem as peças de ouro, e a recorrente recusa da prestação de informações precisas, mesmo quando conhecidas, bem assim como a circunstância de também lidarmos neste campo com «deposições abertas», quer dizer temporárias e passíveis de recuperação (total ou parcial), de adição de outros itens, ou de transladação, limitam, e muito, uma rigorosa e controlada construção de conhecimento, sobretudo a nível da contextualização (entendendo-se ainda aqui a mera localização) que é «maioritariamente sempre suposta e não verificável» (p. 21).

É certo que aí «[não] reside o futuro da investigação» (p. 21-22) mas seria necessário acrescentar, em minha opinião, que também passa (ou pode passar) por aí, mesmo de forma titubeante, e nem sempre de modo «pouco frutuoso» (p. 22). Diga-se, a este propósito, da recente identificação do local de achado do tesouro conhecido como de Fortios (Portalegre)³.

E, do mesmo modo, se não recuso que «[é na morfotipologia e no estudo estilístico] que reside o futuro dos estudos da ourivesaria arcaica» (p. 22), acrescentaria que é sem dúvida um grande começo, diria até o começo, mas com um fim à vista demasiado breve e, porventura, limitado. A importância do fator tecnológico como variável imprescindível, diria geminada, na avaliação dos estudos de natureza morfoestilística é de importância maior como bem demonstram os trabalhos de A. Perea e de B. Armbruster. Por outro lado, a perspectiva holística que preconizo como mais correta para o assunto cria-me algum embaraço na determinação da «chave» que desencadeará o futuro dos estudos.

Também não sei se nesse futuro encontraremos grandes respostas (ou pistas seguras, no mínimo) para a fulcral questão dos ourives, que VHC designa como «demiurgos» do ouro. Na verdade, são muitas as questões, algumas elencadas, que perpassam pela figura e estatuto social dos artesãos do metal, suas condições de trabalho, organização das forças produtivas e das relações sociais de produção, assunto que merece igualmente mais profunda atenção (R. Vilaça, 1998).

Claro que neste aspeto é fundamental introduzir a variável tempo porque a situação no Calcolítico ou Bronze Antigo é substancialmente distinta da que encontramos nas últimas etapas da Idade do Ferro e época romana. E também a este propósito seria interessante desenvolver discussão mais consubstanciada sobre diversos conceitos nem sempre devidamente definidos e que proliferam na

³ Em estudo pela autora.

bibliografia especializada: «centros metalúrgicos», «centros de produção», «domínio tecnológico», «ateliês», «escolas», «oficinas», «círculo oficial», etc. Até que ponto alguns poderão ser entendidos como sinónimos e que critérios devemos adotar para distinguir uns de outros?

Por outro lado, é igualmente necessário não esquecer a problemática de identidade dos artesãos do metal, nomeadamente de bronzistas e de ourives. É verdade que a pertinente argumentação que as colegas antes referidas têm desenvolvido a respeito do assunto permite-lhes defender que bronzistas e ourives seriam pessoas distintas trabalhando de forma independente e sem transferência de conhecimento técnico entre elas (por ex.: B. Armbruster e A. Perea, 2007).

Todavia, a evidência arqueológica também revela que os mesmos contextos podem oferecer, simultaneamente, vestígios do trabalho do bronze e do ouro, aproximando (ou fazendo coincidir?) os seus contextos de produção até porque quase todos os mesmos instrumentos serviam a ambos. A metalurgia do bronze e do ouro produzia-se em *habitats* onde se encontram associados diversos (ainda que em quantidade diminuta para a produção de metal conhecida) instrumentos de trabalho e meios de produção. Esta linha de pesquisa, que não é específica da ourivesaria mas que a valoriza de sobremaneira, sobretudo no que respeita o conhecimento dos seus processos produtivos, merece maior ênfase no futuro. A tónica diacrónica subjacente no contributo de VHC abre portas a este propósito. É, pois, necessário continuar a escavar, uma vez que o estudo da ourivesaria também se faz (ou pode fazer) sem objetos de ouro.

Recordemos, por exemplo, Monte Airoso (Penedono), com material semi-elaborado mas também com resultado da produção (conta de colar, inédita); Baiões, (S. Pedro do Sul), com a conhecida e inigualável produção do bronze mas onde também estão presentes elementos de controlo (pedra de toque) e de medição (ponderais); Moreirinha (Idanha-a-Nova) e Outeiro do Circo (Beja), estes dois últimos povoados com cadinhos cujas análises revelaram a fundição do ouro, tal como no caso da Quinta do Marcelo (Almada). Mas além dos contextos de produção, os circuitos de uso e de deposição, é certo, tendencialmente apartados, nem sempre se excluem, ilustrando esta situação casos que VHC elenca, como o diadema (ouro) e espada (cobre arsenical) da Quinta da Água Branca, ou a faixa áurea e as pontas tipo Palmela (cobre) de Villaverde del Río (Sevilha).

O autor desenvolve nos seus pontos 4 e 5 múltiplas e pertinentes observações sobre algumas das características dos objetos de adorno desde os seus primórdios ao «complexo padrão romano». Entre elas, poderei sublinhar apenas algumas: a perspetiva de olhar o objeto em função do uso de uma ou de mais do que uma pepita de ouro quando o peso assim o sugere; a absoluta justiça de recordar o contributo de Jacques Briard no estudo da ourivesaria e do papel das relações atlânticas (desde o Bronze Antigo/Médio), aliás já presente na sua tese de douto-

ramento (J. Briard, 1966); a questão do uso (desde quando?) do método da cera perdida (precoceamente utilizada no ouro em relação ao bronze); as produções de braceletes fusiformes em bronze (de Baiões e muitas outras mais) similares aos da tradição Sagrajas-Berzocana, o que coloca o interessantíssimo problema dos mesmos tipos fabricados em matérias-primas distintas; a incontornável questão do hibridismo na combinação de peças/fragmentos de peças e de novas técnicas em tipos tradicionais que marcou a passagem do Final do Bronze para os Inícios do Ferro; a hipótese (a propósito dos braceletes de Carambolo) de ter havido importações de objetos peninsulares para a área circum-alpina; a coincidência, a partir de inícios da Idade do Ferro, de uma mais intensa exploração do ouro (a primeira mineração digna desse nome, em palavras do autor) ao mesmo tempo que se reduz a sua quantidade no fabrico de peças com recurso ao «trio mediterrâneo» (filigrana, granulado, soldadura), conforme A. Perea e B. Armbruster o designaram; a sugestiva interpretação do autor sobre o «mostruário» de Baião onde o protagonista não é o artífice ou o cliente mas o comerciante; a perda do estatuto milenar da ourivesaria como elemento de *status* social e a sua transfiguração em arte decorativa (mas até que ponto somente decorativa?) quando se pressentem, e sentem, as movimentações militares romanas.

Mais discutível, parece-me, e ainda que reconheça razão aos motivos do autor (maior peso da peça de Portel), é a adoção da expressão «Sagrajas-Portel» em substituição da consagrada «Sagrajas-Berzocaña» registada por Almagro Gorbé, para um dos principais âmbitos tecnológicos de finais da Idade do Bronze⁴. Por opção, considero pouco desejável, mesmo havendo argumentos para o fazer, alterar expressões consagradas na bibliografia arqueológica e por isso imediatamente apreendidas por qualquer um. Por exemplo, a insignificância numérica, formal e até estilística das cerâmicas de «tipo Lapa do Fumo» da estação epónima, quando comparadas com as de outras estações hoje conhecidas (por exemplo no Alentejo), não justificaria, quanto a mim, que se deixasse «cair» sob pena de proporcionar «ruído» em vez de clareza no discurso. Ainda bem que ninguém se lembrou ainda de o fazer.

A parte final do texto centra-se nas questões a desenvolver sobre a ourivesaria arcaica portuguesa isolando-a, assim, da ourivesaria do Ocidente peninsular, que tinha vindo a ser analisada por VHC. Retenho-me nas duas primeiras questões.

Não posso estar mais de acordo com VHC quando elege como primeira questão a procura do contexto num quadro de Arqueologia da paisagem, malgrado todos os condicionantes conhecidos e já mencionados. E se parece certo

⁴ E ainda que a peça de Portel corresponda, muito possivelmente, a uma muito provável «clássica» deposição de âmbito Sagrajas-Berzocana com colar aparecido, ao que parece, com outras duas peças similares embora de menor dimensão (dois braceletes?) e que foram fundidas.

que algumas ocultações terão sido intencionalmente efetuadas em locais incaracterísticos (sublinharia, hoje, incaracterísticos), muitas outras, sejam amortizações «definitivas», sejam ocultações temporárias a recuperar, inscrevem-se nos preceitos da Arqueologia dos lugares naturais de que tratou Bradley ou articulam-se com os sítios habitados (múltiplos casos), linha de pesquisa de igual justeza à que preconizo para muitas das deposições de cobre e de bronze (R. Vilaça, 2006).

De igual modo, também me associo à pertinência da segunda questão elencada, que o autor designa como Arqueologia do género. Embora reconheça, o que é certo, que este domínio enferma de problemas porque se inscreve em campo de difícil comprovação, é de potencial particularmente interessante porque nos conduz aos protagonistas ainda não mencionados: os consumidores. Quem usa? Homem ou mulher? Jovem, adulto, idoso ou criança? E onde se usa?

Sem dúvida que a iconografia, desde a calcolítica à dos alvares da presença romana, concretamente estelas, estátuas-menir e escultura de grande vulto como a dos «guerreiros galaico-lusitanos» nos dá pistas interessantes a esse respeito, conforme sublinhe ⁵ e que VHC explora de forma desenvolvida no seu texto. E dá-nos também sugestivas informações quanto ao local onde se usariam determinados referentes materiais. A este propósito, não quero deixar de recordar certas peças merecedoras de maior atenção, até pelo seu significado ritual, como são os aros de tipo «nazem» que as terracotas de Ibiza (por ex.: Puig des Molins; cf. M. J. Almagro Gorbea, 1980) ainda exibem e que encontramos, por exemplo, nas necrópoles do Galeado (Vila Nova de Milfontes), de Alcácer do Sal, Alentejo, etc.

Ainda nesta linha de pesquisa está também por valorizar o significado do primeiro motivo figurativo da ourivesaria mais ocidental, precisamente a figurinha feminina do fecho do colar do Álamo (Moura), em estilo e idêntica pose aos das dançarinas das cerâmicas sardas de anterior cronologia (por ex.: de Monte d'Accoddi, Sassari) bem como das que se encontram no mundo tardio de Halls-tatt, que lhe serão posteriores.

A questão do género pode ainda passar pela análise do género dos próprios objetos, matérias-primas e seus contextos, como se verifica no interessante texto de A. Perea: em El Argar o ouro associa-se a sepulturas masculinas, tal como o Sol é identificado com o princípio masculino (e a Lua com o feminino) entre a sociedade muisca do alto planalto central da Colômbia (cf. A. Perea, 2012).

É, de facto, fascinante, mas muito exigente, o campo de estudo da ourivesaria arcaica. É longa a sua história desde as primevas e sóbrias produções laminares nascidas de uma pepita de ouro à sofisticada, mesmo barroca, nas suas múltiplas dimensões (nível tecnológico, técnicas decorativas e simbologia narrativa) da

⁵ Ver nota 5.

fibula do guerreiro de Bragança, por exemplo (cf. A. Perea, ed., 2011).

O ouro, símbolo da eternidade porque não se altera, é também o mais «fugidio» dos testemunhos arqueológicos porque, reciclável e alvo da cobiça dos homens de todos os tempos, inscreve-se em processos de perdurabilidade muitíssimo variáveis que fogem ao controlo dos arqueólogos.

O ouro, conotado com o sol porque brilha, nem sempre traz a luz que a Arqueologia como ciência persegue. Da contraluz em que nos movemos, o texto de VHC ajuda a iluminar certas faces mais sombrias e é candeia a não perder de vista.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, A. (1994) – *Coleções do Museu Monográfico de Conímbriga*. 2.ª edição. Lisboa: IPM.

ALARCÃO, A. (1997) – Aspectos da mineração romana no território português. In ALARCÃO, A., coord. – *Portugal romano. A exploração dos recursos naturais*. Lisboa: MNA. p. 95-105.

ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; ALARCÃO, A.; PONTE, S. (1979) – *Fouilles de Conímbriga, vol. VII, Trouvailles diverses. Conclusions générales*. Paris: De Boccard.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1974) – Los tesoros de Sagrajas y Berzocana y los torques macizos del occidente peninsular. In *III Congreso Nacional de Arqueología*. Porto: Junta Nacional de Educação. p. 259-282.

ALMAGRO GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el período orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC. (*Bibliotheca Praehistorica Hispana*; 14).

ALMAGRO GORBEA, M. J. (1980) – *Corpus de las terracotas de Ibiza*. Madrid: CSIC. (*Bibliotheca Praehistorica Hispana*; XVI).

ALMAGRO GORBEA, M. (1989) – Arqueología e Historia: El proceso proto-orientalizante y el inicio de los contactos de Tartessos con el Levante Mediterráneo. In *Homenaje al Prof. Santiago Montero Díaz*. Madrid: Universidad Complutense, p. 277-288. (*Anejos de Gêrion*; II).

ALMAGRO-GORBEA, M.; ALVAREZ MARTÍNEZ, J. M.; BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, J. M.; ROVIRA, S., eds. (2000) – *El disco de Teodosio*. Madrid: Real Academia de la Historia. (*Publicaciones del Gabinete de Antigüedades – Estudios*; 5).

ALMEIDA, C. A. B.; RECAREY, M. A. (1988) – Uma conta em ouro, do forte de Lobelhe, V. N. de Cerveira. In *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura*. Esposende: Casa da Cultura; Biblioteca Municipal. p. 199-205.

ALVES, L. C.; ARAÚJO, M. E.; SOARES, A. M. M. (2002) – Estudo de um torques proveniente do noroeste peninsular – aplicação de métodos instrumentais de análise química não destrutivos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 20, p. 115-134.

- AREZES, A. C. M. (2011) – *Elementos de adorno altimedievicos em Portugal*. Corunha: Ed. Toxosoutos. (Série Trivium; 41).
- ARIAS VILAS, F.; BASTOS BERNÁRDEZ, D.; DURÁN FUENTES, M. C.; VARELA ARIAS, E. (2013) – *Museo do Castro de Viladonga*. Lugo: Xunta de Galicia.
- ARMBRUSTER, B. (1993a) – Etnoarqueologia aplicada a la metalurgia del oro: el caso de Europa Atlántica y Africa Occidental. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid, 50, p. 113-126.
- ARMBRUSTER, B. (1993b) – Instruments rotatifs dans l'orfèvrerie de l'Age du Bronze de la Péninsule Ibérique. Nouvelles connaissances sur la technique des bracelets du type Villena/Estremoz. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33: 1-2, p. 265-283. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto 12 – 18.10.1993.
- ARMBRUSTER, B. (1995) – Sur la technologie et typologie du collier de Sintra (Lisbonne) – une œuvre d'orfèvrerie du Bronze Final Atlantique composée des types Sagrajas-Berzocana et Villena-Estremoz. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 52: 1, p. 157-162.
- ARMBRUSTER, B. M. (2000) – *Goldschmiedekunst und Bronzetechnik*. Studien zum Metalhandwerk der Atlantischen Bronzezeit auf der Iberischen Halbinsel. Montagnac: Ed. Monique Mergoïl. (Monographies Instrumentum; 15).
- ARMBRUSTER, B. (2004) – Le tournage dans l'orfèvrerie de l'âge du Bronze et du premier Age du Fer en Europe Atlantique. In FEUGÈRE, M.; GÉROLD, J.-C., ed. – *Le tournage des origines à l'an mil*. Actes du colloque de Niederbronn, Octobre 2003. Montagnac: mergoïl. p. 53-70.
- ARMBRUSTER, B. (2005) – Funktionale Analogien als Quellen für die Experimentelle Archäologie – Metalltechniken und Werkstätten aus Westafrika. In FANSA, M., ed. – *Von der Altsteinzeit über «Ötzi» bis zum Mittelalter*. Ausgewählte Beiträge zur Experimentellen Archäologie in Europa von 1990-2003. Experimentelle Archäologie in Europa. Sonderband 1. Oldenburg: [s.n.]. p.197-212.
- ARMBRUSTER, B. (2008) – *L'orfèvrerie dans le monde atlantique des origines à l'âge du Fer. Une approche technologique*. Dijon: Université de Bourgogne. Habilitation à Diriger des Recherches.
- ARMBRUSTER, B. (2010a) – Der Schatzfund von Arnozela, Distr. Braga, Portugal, und die zylindrischen Goldarmringe der Bronzezeit. In ARMBRUSTER, T.; HEGEWISCH, M., ed. – *Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte der Iberischen Halbinsel und Mitteleuropas*. On Pre and Earlier History of Iberia and Central Europe. Studien in honorem Philine Kalb. p. 131-150 (Studien zur Archäologie Europas; 11).
- ARMBRUSTER, B. (2010b) – Lithic technology for Bronze Age metal working. In ERIKSEN, B., ed. – *Lithic technology in metal using societies*. Proceedings of a UISPP Workshop, Lisbon, September 2006. Aarhus: [s.n.]. p. 9-22.
- ARMBRUSTER, B. (2011) – Approaches to metal work – The role of technology in tradition, innovation and cultural change. In MOORE, T.; ARMADA PITA, X.-L.; ed. – *Atlantic Europe in the First Millennium BC: Crossing the divide*. Oxford: Oxford University Press. p. 417-438.
- ARMBRUSTER, B. (2012) – Arqueometalurgia na Europa Atlântica. O ouro antes do ferro. In MARTINS, C. M. B.; BETTENCOURT, A. J.; MARTINS, I.; CARVALHO, J., ed. – *Povoamento e exploração de recursos mineiros na Europa atlântica ocidental*. Braga: CICEM; APEQ. p. 313-335.
- ARMBRUSTER, B. (2013a) – Gold and gold working. In HARDING, A.; FOKKENS, H., ed. – *Handbook of the European Bronze Age*. Oxford: [s.n.]. p. 450-464.
- ARMBRUSTER, B. (2013b) – Les techniques de l'orfèvrerie orientalisante – Un cas de transfert technologique au début de l'âge du Fer. In CALLEGARIN, L.; GORGUES, A., ed. – *Les transferts de technologie au premier millénaire av. J.-C. dans le sud-ouest de l'Europe*. Madrid: Mélanges de la Casa de Velázquez. p. 65-83 (Dossier des Mélanges de la Casa de Velázquez. Nouvelle série; 43:1).
- ARMBRUSTER, B.; COMENDADOR REY, B.; PEREA, A.; PERNOT, M. (2003) – Tools and tool marks. Gold and bronze metallurgy in Western Europe during the Bronze and Early Iron Ages. In *Proceedings of the International Conference «Archaeometallurgy in Europe», Milano 24-26 September 2003*. Milano: AIM. Vol. 1, p. 255-265.
- ARMBRUSTER, B.; GUERRA, M. F. (2003) – L'or archéologique, une approche interdisciplinaire. *Techné*. 18, p.57-62.
- ARMBRUSTER, B.; PARREIRA, R., coord. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. 1.º volume Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Lisboa: IMC.

- ARMBRUSTER, B.; PEREA, A. (1994) – Tecnología de herramientas rotativas durante el Bronce Final Atlántico. El depósito de Villena. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 51:2, p. 69-87.
- ARMBRUSTER, B.; PEREA, A. (2007) – Change and persistence. The Mediterranean contribution to Atlantic metalwork in Late Bronze Age Iberia. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books, p. 97-106.
- ARNOLD, B. (1995) – «Honorary males» or women of substance: Gender, status and power in Iron Age Europe. *Journal of European Archaeology*. Londres. 3:2, p. 153-168.
- ARTEAGA, O. (2001) – La emergencia de la polis en el mundo púnico occidental. In ALMAGRO-GORBEA, M.; ARTEAGA, O.; BLECH, M.; RUIZ MATA, D.; SCHUBART, H. – *Protohistoria de la Península Ibérica*. Barcelona: Ed. Ariel, p. 217-282.
- ARRUDA, A. M. (2000) – *Los fenicios en Portugal*. Barcelona: Carrera Edició. (*Cuadernos de Arqueología Mediterránea*; 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo milénio. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S.4, 23, p. 9-112.
- ARRUDA, A. M. (2014) – A Oeste tudo de novo. Novos dados e outros modelos interpretativos para a orientalização do território português. In *Fenícios e Púnicos por terra e mar*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Vol. 2, p. 513-535. Actas do 6.º Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos.
- ARRUDA, A. M.; FERREIRA, M.; SOUSA, E.; LOURENÇO, P.; LIMA, J.; CARVALHO, A. (no prelo) – Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato.
- ARRUDA, A. M.; BARBOSA, R.; GOMES, F.; SOUSA, E. (no prelo) – A necrópole da Vinha das Calças (Beringel, Beja, Portugal).
- AUBET, M. E. (1987) – *Tiro y las colonias fenicias de Occidente*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- AUBET, M. E. (2008) – «Political and economic implications of the new Phoenician chronologies». In SAGONA, C., ed. – *Beyond the homeland. Markers in Phoenician chronology*. Lovaina: Peters. p. 179-191. (*Ancient Near Eastern Studies*; 28).
- BAILEY, D. W. (1994) – The representation of gender: homology or propaganda. *Journal of European Archaeology*. Londres. 2:2, p. 215-228.
- BANDERA ROMERO, M. L. (1989) – *La joyería prerromana en la provincia de Sevilla*. Sevilla: Arte hispalense.
- BARTELHEIM, M. (2007) – *Die Rolle der Metallurgie in vorgeschichtlichen Gesellschaften*. Rahden, Westf.: Marie Leidorf. (*Forschungen zur Archäometrie und Altertumswissenschaft*; 2).
- BEIRÃO, C. M.; GOMES, M. V. (1988) – Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. In HOZ, J., ed. – *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*. Salamanca: Ediciones Universidad. p. 465-499.
- BEIRÃO, C. M.; SILVA, C. T.; SOARES, J.; GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1985) – Depósito votivo da Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 3, p. 45-135.
- BENDALA, M. (2000) – *Tartessos, iberos y celtas*. Madrid: Temas de hoy.
- BERROCAL RANGEL, L.; SILVA, A. C. (2009) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem de Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. (Suplemento a *O Arqueólogo Português*; 5).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2010) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: un análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67:1, p. 139-173.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2011) – Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In BUENO, P.; GILMAN, A.; MARTÍN MORALES, C.; SÁNCHEZ-PALENCIA, F.-J., eds. – *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Volumen de homenaje a María Dolores Fernández Posse*. Madrid: CSIC. p. 115-138. (*Bibliotheca Praehistorica Hispana*; XXVIII).
- BLANCO FREIJEIRO, A.; ROTHENBERG, B. (1981) – *Exploracion Arqueometalurgica de Huelva*. Barcelona: Rio Tinto Minera; Labor.
- BLANCO FREIJEIRO, A. (1957) – Origen y relaciones de la orfebrería castreña. *Cuadernos de Estudios Gallegos*. Santiago de Compostela. 12:36, p. 5-28; 12:37, p. 137-157; 12:38, p. 267-301.

- BLANCO, A.; LUZON, J. M.; RUIZ, D. (1970) – *Excavaciones arqueológicas en el Cerro Salomon*. Sevilha: Publicaciones de la Universidad. (*Anales de la Universidad Hispalense*, s. *Filosofia y Letras*; n.º 4).
- BOARDMANN, J. (1980) – *The greeks overseas*. 2.ª ed. Londres: Thames & Hudson.
- BOTELHO, H. (1910) – Archeologia de Trás-os-Montes. *O Archeologo Português*. Lisboa. Série 1, 15, p. 83-86.
- BRANDHERM, D. (2000) – Yunques, martillos y lo demás – herramientas líticas en la producción metalúrgica de las edades del cobre y del bronce. In JORGE, V. O. – *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. UTAD, Vila Real, Portugal, Setembro de 1999. Pré-História recente da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. Vol. 4, p. 243-249.
- BRANDHERM, D. (2002) – Zur kultur der älteren Bronzezeit im Nordwesten der Iberischen Halbinsel und ihren atlantischen Beziehungen. *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 43, p. 22-60.
- BRIARD, J. (1966) – *Les Dépôts bretons et l'Âge du Bronze Atlantique*. Rennes: Université de Rennes.
- BRIARD, J. (1998) – Flux et reflux du Bronze Atlantique vus d'Armorique. Le Bronze Ancien. In JORGE, S. O., ed. – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA. p. 114-123 (*Trabalhos de Arqueologia*; 10).
- BURGESS, Ch. G. (2007) – Introduction. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books. p. xvi.
- CAHILL, M. (2002) – Before the celts. Treasures in gold and bronze. In WALLACE, P. F.; O'FLOINN R., ed. – *Treasures of the National Museum of Ireland*. Dublin: Irish Antiquities. p. 86-124.
- CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana. Um estudo de pré-história regional*. Lisboa: IPA. (*Trabalhos de Arqueologia*; 19).
- CARDOSO, J. L. (2001) – A ocupação dos territórios e a exploração dos recursos na península de Setúbal, do Paleolítico ao Bronze Final. In *Arqueologia e história regional da península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta. (*Discursos*; n.º especial).
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV Milénio A.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal. (Estudos Arqueológicos de Oeiras; 12).
- CARDOSO, J. L. (2011) – «A estela antropomórfica de Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e 'colares'». In VILAÇA, R., coord. – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: Câmara Municipal. p. 89-116. Atas das IV Jornadas Raianas.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. (2010) – Moita da Ladra (Vila Franca de Xira). Resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds. – *Transformação e mudança do Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e*. Cascais: Câmara Municipal; UNIARQ. p. 65-96 (*Colecção Cascais Tempos Antigos*; 2).
- CARDOZO, M. (1942) – Una pieza notable de la orfebrería primitiva. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 15:47, p. 89-100.
- CARRILHO, F. (2008) – *A lei das XII tábuas*. Coimbra: Almedina.
- CARVALHO, P. C. (2007) – *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana*. Fundão: Câmara Municipal; Coimbra: Instituto de Arqueologia. (*Anexos de Conímbriga*; 4).
- CASAL GARCÍA, R. (1999) – La joyería. In *Hispania. El legado de Roma*. Mérida: MNAR. p. 377-384.
- CELESTINO PÉREZ, S., ed. (1999) – *El yacimiento proto-histórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres. 1 Las necrópolis y el tesoro áureo*. Mérida: Junta de Extremadura. (*Memorias de Arqueologia Extremeña*; 3).
- CELESTINO PÉREZ, S.; BLANCO FERNÁNDEZ, J. L. (2006) – *La joyería en los orígenes de Extremadura: el espejo de los dioses*. Mérida: Instituto de Arqueologia. (*Ataecina*; 1).
- CENTENO, R. M. S. (1987) – *Circulação monetária no Noroeste de Hispânia até 192*. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.
- CHAPMAN, R. [et al.] (2006) – Microchemical characterisation of natural gold and artefact gold as a tool for provenancing prehistoric gold arte-

- facts: a case study in Ireland. *Applied Geochemistry*. 21:6, p. 904-918.
- COLES, J. M. (1973) – *Experimental Archaeology*. London; New York: [s. n.].
- COOMBS, D. (1998) – «Hello sailor.» Some reflections on the Atlantic Bronze Age. In JORGE, S. O., ed. – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA. p. 150-156 (*Trabalhos de Arqueologia*; 10).
- CORREIA, V. H. (1990) – A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia*. Porto. 30, p. 177-185.
- CORREIA, V. H. (1993) – A ocultação de joias na proto-história alentejana. *Lucerna*. Porto. 2.^a s., 3, p. 105-122. *Actas do VI Colóquio Portuense de Arqueologia*.
- CORREIA, V. H. (1995) – A transição entre o período orientalizante e a Idade do Ferro na Betúria Occidental (Portugal). In VELAZQUEZ, A.; ENRIQUEZ, J. J., eds. – *Celtas y turdulos: la Betúria*. Merida: MNAR. p. 127-150 (*Cuadernos Emeritenses*; 9).
- CORREIA, V. H. (2000) – Modelos de interpretação e arqueologia proto-histórica. In JORGE, V. O., coord. – *Proto-História da Península Ibérica*. Porto: ADECAP. p. 413-428 (*Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*; V).
- CORREIA, V. H. (2005) – A presença orientalizante a norte do Tejo e a ourivesaria arcaica do território português. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ ÁVILA, J., eds. – *El período orientalizante*. Mérida: IAM. Vol. II, p. 1215-1224. (*Anejos de AEspA*; 35).
- CORREIA, V. H. (2006) – Peitoral de ouro proveniente de Castro Marim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 24, p. 321-337.
- CORREIA, V. H. (2007) – The Iron Age transition in the goldwork of Western Iberia. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books. p. 90-96.
- CORREIA, V. H. (2009) – Ein goldenes pektoral aus Castro Marim. *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 50, p. 72-79.
- CORREIA, V. H.; ALVES, L.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F. (2007) – Um par de brincos romanos: estudo estilístico e aplicação de métodos de análise química não invasiva. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 25, p. 217-228.
- CORREIA, V. H.; PARREIRA, R. (2002) – *Cola. Circuito arqueológico*. Lisboa: IPPAR. (Roteiros da Arqueologia Portuguesa; 8).
- CORREIA, V. H.; PARREIRA, R.; SILVA, A. C. F. (2013) – *Ourivesaria Arcaica em Portugal. O brilho do poder*. Lisboa: CTT.
- COSTA, J. M. (1966) – O tesouro fenício ou cartaginês do Gaio (Sines). *Ethnos*. Lisboa. 5, p. 529-538.
- COSTA, J. M. (1973) – O tesouro púnico-tartéssico do Gaio (Sines). Novos achados. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, p. 97-120.
- CULLICAN, W. (1966) – *The first merchant venturers. The ancient Levant in history and commerce*. Londres: Thames & Hudson.
- CUNLIFFE, B. (1997) – *The ancient Celts*. Oxford: University Press.
- DAVISON, J. M. (1968) – *Attic geometric workshops*. 2.^a ed. Roma: L'Erma de Bretschneider.
- DEPPERT-LIPPIITZ, B. (1985) – Römischer Goldschmuck. Stand der Forschung. In *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*. Berlin: W. de Gruyter Verlag. II, 12.3, p. 117-126.
- DOBAT, A. S. (2013) – Between rescue and research: an evaluation after 30 years of liberal metal detecting in archaeological research and heritage practice in Denmark. *European Journal of Archaeology*. Londres. 16:4, p. 704-725.
- DOMERGUE, C. (1987) – *Catalogue des mines et des fonderies de la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion de Bocard.
- DOMERGUE, C.; ANDRADE, R. F. (1971) – Sondage 1967 et 1969 à Aljustrel (Portugal). *Conimbriga*. Coimbra. 10, p. 99-116.
- DOMERGUE, C.; HERAIL, G. (1978) – *Mines d'or romaines d'Espagne. Le district de La Valduerna (León). Étude géomorphologique et archéologique*. Toulouse: Publications de l'Université de Toulouse. (*Le Mirail*; Série B, t. IV).

- ELUIÈRE, C. (1982) – Les ors préhistoriques. In *L'Age du Bronze en France*. Paris: S.P.F. Vol. 2.
- ELUIÈRE, C. (1987) – *L'Or des celtes*. Paris: [s. n.].
- ELUIÈRE, C. (1988) – Ofévrerie des Celtes anciens et orfèvreries méditerranéennes. In *Les princes celtes et la Méditerranée*. Paris: La Documentation Française. p. 199-219 (*Rencontres de l'École du Louvre*).
- ENRÍQUEZ, J. J.; RODRÍGUEZ, A. (1985) – *Las piezas de oro de Segura de León y su entorno arqueológico*. [S.I.]: Editora Regional de Extremadura.
- EOGAN, G. (1994) – *The accomplished art. Gold and gold-working in Britain and Ireland during the Bronze Age (c. 2300-650 BC)*. Oxford: University Press. (Oxford Monograph; 42).
- FABIÃO, C. (2004) – O tesouro de prata de Monsanto da Beira, Idanha-a-Nova. In *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: Museu Francisco Tavares Proença Júnior. p. 62-72.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1983) – Un lote de puntas Palmela en el Museo Arqueológico de Sevilla. *Museos*. Madrid. 2, p. 73-77.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F. (1996) – Joyas de oro en castros de la Meseta: Ulaca y el Raso de Candeleda (Ávila). *Numantia*. Valladolid. 6, p. 9-30.
- FIGUEIREDO, E.; SILVA, R. J. C.; ARAÚJO, M. F.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2010) – Identification of ancient gilding technology and Late Bronze Age metallurgy by EDXRF, Micro-EDXRF, SEM-EDS and metallographic techniques. *Microchimica Acta*. 168:3-4, p. 283-291.
- FITZPATICK, A. (2009) – In his hands and in his head: The Amesbury Archer as a metalworker. In CLARK, P., ed. – *Bronze Age Connections: Cultural contact in prehistoric Europe*. Oxford: [s.n.]. p. 176-188.
- FORTES, J. (1908) – Ouros protohistóricos da Estella. *Portugalia*. Porto. 2, p. 604-618.
- FOX, R. L. (2008) – *Travelling Heroes. Greeks and their myths in the epic age of Homer*. Londres: Penguin Books.
- GALAN, E. (2011) – Nuevos hallazgos sobre viejas ideas. Una reflexión sobre las representaciones «atípicas» en las estelas del Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica. In VILAÇA, R., coord. – *Estelas e estátuas-menires da Pré à Proto-história*. Sabugal: Câmara Municipal. p. 271-292. *Actas das IV Jornadas Raianas*.
- GALATIY, M. L.; PARKINSON, W. A., eds. (2007) – *Rethinking Mycenaean Palaces*. 2nd. ed. Los Angeles: Un. California (*Cotsen Institute of Archaeology Monograph*; 60).
- GALE, N. (2001) – Archaeology, science-based archaeology and the Mediterranean Bronze Age metals trade: a contribution to the debate. *European Journal of Archaeology*. Londres. 4:1, p. 113-130.
- GAMITO, T. (1988) – *Social complexity in Southwest Iberia (8th to 3rd cents. b.C.) – Aspects of evolution and interaction*. Oxford: British Archaeological Reports. (*International Series*; 439).
- GARCÍA VUELTA, Ó. (2007) – *Orfebrería castreña*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional.
- GEHRIG, U.; NIEMEYER, H. G., eds. (1990) – *Die Phönizier im zeitalter Homers*. Mainz: Vg Ph. V. Zabern.
- GIBSON, C. (2007) – Timing death and deposition: burials, hoards and Bronze Age chronology in Western Iberia. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books. p. 107-116.
- GOMES, M. V.; BEIRÃO, C. M. (1988) – O tesouro da coleção Barros e Sá de Monsanto da Beira (Castelo Branco). *Veleia*. Vitoria. 5, p. 125-138.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2005) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.
- GONZÁLEZ, P., ed. (2000) – Espacios de género en Arqueología. Teruel, Seminario de Arqueología y Etnología Turolense. *Arqueología Espacial*. Teruel. 22.
- GORGUES, A.; BRYSSBAERT, A.; ARMBRUSTER, B. (2013) – Nobility versus artisans? The multiple identities of elites and «commoners» viewed through the lens of materials and technologies during the European Bronze and the Iron Ages. *The European Archaeologist*. Praga. 40, p. 77-80.
- GOSDEN, C., ed. (2001) – *Archaeology and Aesthetics*. Londres: Routledge (*World Archaeology*; 33:2).

- GOSDEN, C.; MARSHALL, Y. (1999) – The cultural biography of objects. In MARSHALL, Y.; GOSDEN, C., eds. – *The cultural biography of objects*. Londres: Routledge. p. 169-178 (*World Archaeology*; 31:2).
- GUERRA, M. F.; CALLIGARO, T. (2004) – Gold traces to trace the gold. *Journal of Archaeological Science*. 31, p. 1199-1208.
- GUERRA, M. F.; REHREN, T. (2009) – Authentication and analysis of goldwork. *Archeosciences. Revue d'archéométrie*. 33.
- GUERRA, M. F.; TISSOT, I. (2013) – *A ourivesaria pré-histórica do Ocidente peninsular atlântico. Compreender para preservar*. Lisboa: FCT; Paris: CNRS.
- HACKENS, T.; WINKES, R., eds. (1983) – *Gold Jewelry. Craft, style and meaning from Mycenae to Constantinopolis*. Lovaina: ISAHA. (*Aurifex*; 5).
- HALSTEAD, P. (2007) – Toward a model of Mycenaean palatial mobilization. In GALATIY, M. L.; PARKINSON, W. A., eds. – *Rethinking Mycenaean Palaces*. 2nd ed. Los Angeles: Un. California. p.66-73 (*Cotsen Institute of Archaeology Monograph*; 60).
- HARDING, A. (2013) – World systems, cores and peripheries in Prehistoric Europe. *European Journal of Archaeology*. Londres. 16:3, p. 378-400.
- HARILEY, L. P. (1953) – *The go-between*. Londres: Hamish Hamilton.
- HARTMANN, A. (1982) – *Prähistorische Goldfunde aus Europa II*. Berlin: Gebr. Mann Verlag. (*Studien zu den Anfängen der Metallurgie*; 5).
- HAßMANN, H. [et al.] (2013) – Der bronzezeitliche Goldhort von Gessel, Stadt Syke, Ldkr. Diepholz. Beschreibung der einzelnen Goldobjekte, Beobachtungen zur Herstellungsweise und erste archäologische Einordnung. *Nachrichten aus Niedersachsens Urgeschichte*. 81, p. 145-185.
- HEALY, J. F. (1978) – *Mining and metallurgy in the Greek and Roman world*. Londres: Thames & Hudson.
- HERNANDO, A. (2000) – Hombres del tiempo y mujeres del espacio: Individualidad, poder e identidades de género. In GONZÁLEZ, P., ed. – *Espacios de género en Arqueología*. Teruel: Seminario de Arqueología y Etnología Turolense. p. 23-44 (*Arqueología Espacial*; 22).
- HIGGINS, R. A. (1961) – *Greek and Roman jewelry*. Londres: Methuen & C.º
- JACOBSTHAL, P. (1969) – *Early Celtic art*. 2nd ed. Oxford: Clarendon Press.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. (2006) – *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Museo; IAM. (Memorias; 5).
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2002) – *La torèutica orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Real Academia de la Historia. (*Biblioteca Archaeologica Hispana*; 16).
- JONES, A. (2001) – Drawn from memory: the archaeology of aesthetics and the aesthetics of archaeology in Early Bronze Age Britain and the present. In GOSDEN, C., ed. – *Archaeology and Aesthetics*. Londres: Routledge. p. 334-356 (*World Archaeology*; 33:2).
- JORGE, S. O. (1988) – Diversidade regional na Idade do Bronze da Península Ibérica. Visibilidade e opacidade do «registro arqueológico». In JORGE, V. O.; JORGE, S. O. – *Arqueologia. Percursos e interrogações*. Porto: ADECAP. p. 151-172.
- JORGE, S. O., ed. (1998) – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA. (*Trabalhos de Arqueologia*; 10).
- JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a terra*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, V. O. (1998) – Ideias prévias a uma pré-história do género. In JORGE, V. O.; Jorge, S. O. – *Arqueologia. Percursos e interrogações*. Porto: ADECAP. p. 31-50.
- KALB, P. (1977) – Uma data C-14 para o Bronze Atlântico. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. III, 7-9, p. 141-144.
- KALB, P. (1992) – As corcas de ouro do Castro Senhora da Guia, Baiões (concelho de São Pedro do Sul, Portugal). *O Arqueólogo Português*. S. 4, 8-10, p. 259-276.
- KNAPP, A. B. (2000) – Archaeology, science-based archaeology and the Mediterranean Bronze Age metals trade. *European Journal of Archaeology*. Londres. 3:1, p. 31-56.
- KRISTIANSEN, K. (1998) – Sociedade: hierarquização e conflito. Debate. In JORGE, S. O., ed. – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA. p. 246-250. (*Trabalhos de Arqueologia*; 10).

- LÓPEZ CUEVILLAS, F. (1951) – *Las joyas castreñas*. Madrid: CSIC.
- MALUQUER DE MOTES, J. (1957) – De metalurgia tartésica: el Bronce Carriazo. *Zephyrus*. Salamanca. 8, p. 157-168.
- MALUQUER DE MOTES, J.; PICAZO, M.; DEL RINCÓN, M. A. (1973) – *La Necrópolis Ibérica de La Bobadilla, Jaén*. Barcelona: Dep. Prehistoria y Arqueología. (Programa de Investigaciones Proto-históricas; 1).
- MARSHALL, F. H. (1962) – *Catalogue of the Jewellery, Greek, Etruscan and Roman in the Departments of Antiquities, British Museum*. 2nd ed. Londres: Trustees of the British Museum.
- MARTIN DE LA CRUZ, J. C. (1988) – Mykenische keramik aus bronzzeitlichen siedlungsschichten von Montoro am Guadalquivir. *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 29, p. 77-92.
- MARTINS, C. M. B. (2008) – *As influências Mediterrânicas na ourivesaria proto-histórica de Portugal*. Barcelona: EDAR.
- MASVIDAL, C.; PICAZO, M.; CURIA, E. (2000) – Desigualdad política y prácticas de creación y mantenimiento de la vida en la Iberia septentrional. In GONZÁLEZ, P., ed. – *Espacios de género en Arqueología*. Teruel: Seminario de Arqueología y Etnología Turolense. p. 107-122 (*Arqueología Espacial*; 22).
- MATA CARRIAZO, J. (1970) – *El Tesoro y las primeras excavaciones en El Carambolo*. Madrid: MEN. (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 68).
- MORENO ARRATTO, F. J. (1999) – Conflictos y perspectivas en el período precolonial tartésico. *Gerión*. Madrid. 17, p. 149-177.
- MORRIS, I. (1994) – Archeologies of Greece. In Morris, I., ed. – *Classical Greece. Ancient histories and modern archeologies*. Cambridge: Un. Press. p. 8-47 (*New Directions in Archaeology*).
- NEEDHAM, S. (2000) – The gold and copper metalwork. In HUGHES, G., ed. – *The Lockington gold hoard. An early Bronze Age barrow cemetery at Lockington, Leicestershire*. Oxford: Oxbow books. p. 23-47.
- NEEDHAM, S. (2007) – Bronze makes a Bronze Age? Considering the systemics of Bronze Age metal use and the implications of selective deposition. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books. p. 278-287.
- NICOLINI, G. (1990) – *Techniques des ors antiques. La bijouterie ibérique du VII au IV Siècle*. Paris: Picard.
- O'BRIEN, W. (2007) – Miners and farmers: local settlement contexts for Bronze Age mining. In BURGESS, Ch.; TOPPING, P.; LYNCH, F., eds. – *Beyond Stonehenge. Papers offered to Colin Burgess*. Oxford: Oxbow books. p. 21-30.
- OGDEN, J. (1982) – *Jewellery of the Ancient World*. London: Trefoil Books.
- OLIVEIRA, C. (2012) – O Bronze Final no Castelo de Castro Marim. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *Siderum Ana II*. Mérida: CSIC. p. 345-362. (Anejos de AEspa; 62).
- OLIVEIRA, C. (2013) – O final da Idade do Bronze no Algarve: balanço e resultados da investigação arqueológica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 339-354.
- ORMEROD, H. A. (1997) – *Piracy in the ancient world*. 2nd ed. Baltimore: Johns Hopkins Un. Press.
- EL ORO en la España Prerromana Oro: Orfebrería antigua en Hispania (1989). Madrid: Zugarto Ediciones. (*Monografía de Revista de Arqueología*).
- PAÇO, A. (1965) – Jóias pré-históricas da região de Évora. *Boletim da Junta Distrital de Évora*. 6, p. 159-186.
- PARREIRA, R.; PINTO, C. V. (1980) – *Tesouros da arqueologia portuguesa no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: IPPC.
- PELLICER CATALÁN, M. (1995) – Balance de 25 años de investigación sobre Tartessos (1968-1993). In *Tartessos 25 años después. 1968-1993. Jerez de la Frontera. Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento, p. 41-71. (*Biblioteca de Urbanismo y Cultura*; 14).
- PEREA, A. (1990) – Estudio microscopio y microanalítico de las soldaduras y otros procesos técnicos en la orfebrería prehistórica del Sur de la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 47, p. 103-160.
- PEREA, A. (1991) – *Orfebrería prerromana: Arqueología del Oro*. Madrid: Caja de Madrid e Comu-

- nidad de Madrid; Consejería de Cultura. Exposición Casa del Monte. Catálogo.
- PEREA, A. (2005a) – Mecanismos identitarios y de construcción de poder en la transición bronce-hierro. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62:2, p. 91-103.
- PEREA, A. (2005b) – Relaciones tecnológicas y de poder en la producción y consumo de oro durante la transición bronce final-hierro en la fachada atlántica peninsular. In CELESTINO PÉREZ, S.; JIMÉNEZ AVILA, J. ed. – *El periodo orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: CSIC. p. 1077-1088. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 35).
- PEREA, A. (2006) – Estudio del proceso técnico de fabricación y significado de la orfebrería de Talavera la Vieja. In JIMÉNEZ ÁVILA, J., ed. – *El conjunto orientalizante de Talavera la Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Museu. p. 63-88 (*Memorias*; 5).
- PEREA, A., ed. (2011) – *La fíbula de Braganza*. Madrid: [s.n.].
- PEREA, A. (2012) – El género de los objetos. Variaciones sobre orfebrería argárica. In PRADOS TORREIRA, L., ed. – *La Arqueología funeraria desde una perspectiva de género*. Madrid: UA ediciones. p. 79-97.
- PEREA, A.; ARMBRUSTER, B. (1998) – Cambio tecnológico y contacto entre Atlántico y Mediterráneo: el depósito de «El Carambolo», Sevilla. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 55:1, p. 121-138.
- PEREA, A.; ARMBRUSTER, B. (2008) – L'archéologie de l'or en Europe. *Perspectives*. 1, p. 29-48.
- PEREA, A.; ARMBRUSTER, B. (2011) – Tomb 100 at Cabezo Lucero: new light on goldworking in the fourth-century BC Iberia. *Antiquity*. Cambridge. 85, p. 158-171.
- PEREA, A.; ARMBRUSTER, B.; DEMORTIER, G.; MONTERO, I. (2003) – Tecnología atlántica para dioses mediterráneos. Los «candelabros» de oro tipo Lebrija. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid 60:1, p. 99-114.
- PEREA, A.; GARCÍA VUELTA, Ó.; FERNÁNDEZ FREIRE, C. (2010) – *El proyecto Au: estudio arqueométrico de la producción de oro en la Península Ibérica*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. (Bibliotheca Prehistorica Hispana; XXVII).
- PEREA, A.; MONTERO, I.; GARCÍA VUELTA, Ó., ed. (2004) – Tecnología del oro antiguo: Europa y América. In *Ancient gold technology: America and Europe*. Madrid: CSIC. (Anejos de Archivo Español de Arqueología; 32).
- PÉREZ OUTEIRIÑO, B. (1982) – *De ourivesaria castreña, 1. Arracadas*. Ourense: Museo Arqueológico Provincial. (*Boletín Auriense*; Anexo 1).
- PFEILER, B. (1970) – *Römischer Goldschmuck*. Mainz: Vg. P. v. Zabern.
- PINGEL, V. (1986) – Os princípios da metalurgia do ouro em Portugal. In *Actas do Colóquio de Ourivesaria do Norte de Portugal*. Porto: Fundação Eng. António Almeida. p. 49-57.
- PINGEL, V. (1992) – *Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel: eine archäologische Untersuchung zur Auswertung der Spektralanalysen*. Berlin: W. De Gruyter. (*Madridrer Forschungen*; 17).
- PLATZ-HORSTER, G. (2002) – *Ancient Gold Jewellery*. Berlin: Vg. Ph. v. Zabern. (Antikensammlung Staatliche Museen zu Berlin).
- POLLARD, J. (2001) – The aesthetics of depositional practice. In GOSDEN, C., ed. – *Archaeology and Aesthetics*. Londres: Routledge. p. 315-333 (*World Archaeology*; 33:2).
- RADDATZ, K. (1969) – *Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel*. Berlin: W. De Gruyter. (*Madridrer Forschungen*; 5).
- RAMIN, J. (1977) – *La technique minière et métallurgique des anciens*. Bruxelas: Société d'études latines. (*Collection Latomus*; 153).
- RENFREW, Colin (1986) – Introduction: peer polity interaction and socio-political change. In RENFREW, C.; CHERRY, J. F., eds. – *Peer polity interaction and socio-political change*. Cambridge: Un. Press. p. 1-18 (*New Directions in Archaeology*).
- RIEGL, A. (1953) – *Indústria artística Tardoromana*. Firenze: Sansoni.
- ROBERTSON, M.; BEARD, M. (1991) – Adopting an approach. In RASMUSSEN, T.; SPIVEY, N., eds. – *Looking at Greek vases*. Cambridge: Un. Press. p. 1-36.

- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1994) – The bartere bride. Goldwork, inheritance and agriculture in the late prehistory of the Iberian Peninsula. *Journal of European Archaeology*. Londres. 2:1, p. 50-81.
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1995) – Circulación del metal en el Bronce Final del Suroeste. In *Tartessos 25 años después. 1968-1993. Jerez de la Frontera. Actas del Congreso Conmemorativo del V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular*. Jerez de la Frontera: Ayuntamiento. p. 507-522. (*Biblioteca de Urbanismo y Cultura*; 14).
- RUIZ-GÁLVEZ PRIEGO, M. (1998) – Peripheral, but not that much...! In JORGE, S. O., ed. – *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA. p. 101-113. (*Trabalhos de Arqueologia*; 10).
- RUIZ-GÁLVEZ, M. (2013) – *Con el fenicio en los talones. Los inicios de la Edad del Hierro en la cuenca del Mediterráneo*. Barcelona: Bellaterra.
- SCHLOSSER, S. [et al.] (2009) – Fingerprints in gold. In REINDEL, M.; WAGNER, G. ed. – *New technologies for archaeology: multidisciplinary investigations in Palpa and Nasca, Peru*. Heidelberg: [s.n.]. p. 409-436.
- SCHUBART, H. (1974) – Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: AAP. p. 65-95.
- SEVERO, R. (1908a) – O thesouro de Lebução. *Portugália*. Porto. 2, p. 1-14.
- SEVERO, R. (1908b) – As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos. *Portugália*. Porto. 2, p. 403-412.
- SHERRATT, A. (1993) – What would a Bronze Age world system look like? Relations between temperate Europe and the Mediterranean in later prehistory. *Journal of European Archaeology*. Londres. 1:2, p. 1-58.
- SILVA, A. C. F. (1990) – Influências orientalizantes na formação da cultura castreja do Noroeste peninsular. *Estudos Orientais*. Lisboa. 1, p. 135-155.
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. 2ª ed. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. C. F.; SILVA, Celso T.; LOPES, A. B. (1984) – Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). In *Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos. p. 73-110 (*Lucerna*; n.º especial).
- SILVA, Carlos T.; SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: SNPRCN. (*Colecção Parques Naturais*; n.º 15).
- SNODGRASS, A. (1994) – Response: the archaeological aspect. In MORRIS, I., ed. – *Classical Greece. Ancient Histories and Modern Archaeologies*. Cambridge: Un. Press. p. 197-200. (*New Directions in Archaeology*).
- SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; ALVES, L. C. (2004) – Análise química não-destrutiva de artefactos em ouro pré e proto-históricos: alguns exemplos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, p. 125-138.
- SOARES, A. M. M.; VALÉRIO, P.; SILVA, R. J. C.; ALVES, L. C.; ARAÚJO, M. F. (2010) – Early Iron Age gold buttons from South-Western Iberian Peninsula. Identification of a gold metallurgical workshop. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 67:2, p. 501-510.
- SOARES, A. M. M.; ALVES, L. C.; FRADE, J. C.; VALÉRIO, P.; ARAÚJO, M. F.; CANDEIAS, A.; SILVA, R. J. C.; VALERA, A. C. (2012) – *Bell Beaker Gold Foils from Perdigões (Southern Portugal) – Manufacture and Use*. Leuven: Proceedings of the 39th International Symposium for Archaeometry. p. 120-124.
- SOEIRO, M. T. (1982) – Esconderijo de Sequeade (Barcelos). *Arqueologia*. Porto. 5, p. 62-67.
- SOLER GARCÍA, J. M. (1965) – *El Tesoro de Villena*. Madrid: MEN. (*Excavaciones Arqueológicas en España*; 36).
- SORENSEN, M. L. S. (1997) – Reading dress: the construction of social categories and identities in Bronze Age Europe. *Journal of European Archaeology*. Londres. 5:1, p. 92-114.
- SPINDLER, K. (1973) – Découverte d'une boucle de ceinture d'origine ibérique sur la colline du «Magdalensberg» près de Villingen en Forêt Noire. In *Actas das II.ªs Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. I, p. 229-243.
- STEAD, I. M.; MEEKS, N. D. (1996) – The Celtic Warrior Fibula. *The Antiquaries Journal*. Londres. 76, p. 11-29.

- STEFANELLI, L. P. B. (1992) – *L'oro dei romani. Gioielli di età imperial*. Roma: L'Erma di Bretschneider.
- STROM, I. (1971) – *Problems concerning the origin and early development of the Etruscan Orientalizing style*. Odense: Un. Press. (*Odense Un. Classical Studies*; 2).
- TAYLOR, J. (1980) – *Bronze Age goldwork of the British Isles*. Cambridge: Univrsity Press.
- THOMAS, S. (2012) – Searching for answers: a survey of metal-detector users in the UK. *International Journal of Heritage Studies*. Londres. 18:1, p. 49-64.
- TREHERNE, P. (1995) – The warrior's beauty: the masculine body and self-identity in Bronze Age Europe. *Journal of European Archaeology*. Londres. 3:1, p. 105-144.
- TUREK, J. (2013) – *19th Annual Meeting of the European Association of Archaeologists. Abstracts*. Pilsen: Un. Boémia Ocidental.
- VALÉRIO, P.; ALVES, L. C.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F. (2010) – Os metais dos Ratinhos. II. Os botões em ouro. In BERROCAL-RANGEL, L.; SILVA, A. C., eds. – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num Povoado Proto-Histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 381-388 (Suplemento a *O Arqueólogo Português*; 6).
- VALÉRIO, P.; SOARES, A. M. M.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J. C.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M. (2013) – Estudo de metais e vestígios de produção do povoado fortificado do Bronze Final do Outeiro do Circo (Beja). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., eds. – *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. p. 609-615.
- VASCONCELOS, J. L. (1896) – Xorca de ouro. *O Archeólogo Português*. Série 1, vol. 2. p. 17-24.
- VIANA, A. (1961) – *Necrópole romano-suévica de Beiral (Ponte de Lima, Viana do Castelo)*. Ponte de Lima: Câmara Municipal.
- VIEGAS, J. R.; PARREIRA, R. (1984) – Der schatzfund von Santana da Carnota (Alenquer, Portugal). *Madrider Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 25, p. 79-91.
- VILAÇA, R. (1998) – Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C. *Estudos Pré-históricos*. Viseu. 6, p. 347-374.
- VILAÇA, R. (2006a) – Um colar do Bronze Final proveniente do Bolho (Cantanhede, Coimbra). *Conimbriga*. Coimbra. 45, p. 93-104.
- VILAÇA, R. (2006b) – Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. *Complutum*. Madrid. 17, p. 81-101.
- VILAÇA, R. (2007) – *Depósitos de bronze do território português. Um debate em aberto*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. (*Anexos de Conimbriga*; 5).
- VILAÇA, R. (2011) – Ponderais do Bronze Final-Ferro Inicial do Ocidente peninsular: novos dados e questões em aberto. In GARCÍA-BELLIDO, M. P.; CALLEGARIN, L.; JIMÉNEZ DÍEZ, A., eds. – *Barter, Money and Coinage in the Ancient Mediterranean (10th-1st centuries BC)*. Madrid: CSIC. p. 139-167 (Anejos de AEspA; LVIII).
- VILAÇA, R. (2011) – *Para além do brilho do metal (produções e contextos). Contributos ao projecto AuCorre*. Comunicação apresentada nas Jornadas Conservação e técnicas de análise para o estudo e salvaguarda do património metálico, Museu Nacional de Arqueologia.
- VILAÇA, R.; ARMBRUSTER, B. (2012) – O disco de ouro da necrópole da Fonte Velha de Bensafrim. In VILAÇA, R.; PINTO, S., coord. – *Santos Rocha. A arqueologia e a sociedade do seu tempo*. Figueira da Foz: Casino. p. 153-172.
- VILAÇA, R.; LOPES, M. C. (2005) – The treasure of Baleizão, Beja (Alentejo, Portugal). *Journal of Iberian Archaeology*. 7, p. 177-184.
- WILLIAMS, D.; OGDEN, J. (1994) – *Greek gold. Jewellery of the classical world*. Londres: British Museum Press.